

Catequese para Adultos

Creio na Santa Igreja Católica

Depois de termos estudado o Espírito Santo sob a ótica de sua atuação interna em nossas almas, temos de ver agora como Ele age ao longo da história humana no seio daquela que é Corpo místico de Cristo: a Igreja, una, santa, católica e apostólica.

Nesta aula, veremos o que significa crer na Igreja e por que essa fé é razoável, apesar de todas as vicissitudes e tormentas históricas por que tem passado a Barca de Pedro.

Os artigos que compõem o Credo apostólico, como temos visto ao longo do curso, podem ser agrupados em três grandes classes, referentes a cada uma das pessoas da SS.

Trindade: 1) creio em Deus *Pai*; 2) creio em Deus *Filho*; 3) creio em Deus *Espírito Santo*.

Quanto a esta última parte, é importante estudar não só o que o Espírito Santo é em si mesmo, no mistério da vida íntima de Deus trino, mas também a sua atuação concreta na história. É por isso que, após confessarmos nossa fé no Paráclito, professamos nossa adesão à Santa Igreja Católica.

A Igreja, portanto, não é apenas *sujeito* de fé, mas também *objeto* de fé. Isso significa, em primeiro lugar, que para sermos verdadeiramente membros desta Igreja precisamos, antes de tudo, ter a mesma fé que ela confessa e guarda ao longo dos séculos. Em segundo lugar, é preciso, além de crer no que crê a Igreja, acreditar *na* própria Igreja, embora essa fé seja um pouco diferente, ao menos em certo sentido, da fé com que cremos em Deus.

Para compreender melhor esse ponto, convém ter em mente que a expressão "Creio em Deus", em latim, se traduz como "*Credo in Deum*", utilizando o caso acusativo regido pela preposição "*in*", o que transmite ideia de movimento, de ir de um lugar a outro. O uso desse caso serve para ressaltar que a fé em Deus não é apenas um ato da inteligência, mas também uma ação da vontade — na verdade, da pessoa inteira —, que livremente se *entrega* e se *dá* a Deus: crer nele, em outras palavras, é envolver-se com Ele, mergulhando no mistério do seu amor que nos salva e ilumina.

Mas a expressão "Creio na Igreja", se vertida para o latim, perde aquela preposição "*in*", e o termo "*Ecclesia*" torna-se complemento direto do verbo transitivo "*credo*", "creio". Por isso,

a tradução mais literal da frase "*Credo Ecclesiam*" seria "Creio a Igreja", o que, embora soe um pouco mal em nossa língua, preserva uma nuance que na tradução convencional — "Creio *na* Igreja" — acaba ficando de lado. Esta nuance se refere ao fato de a Igreja não ser objeto direto, mas *indireto* da nossa fé.

O que isso significa? Significa que cremos na Igreja, em cuja face resplandece a luz de Cristo (cf. *Lumen Gentium*, n. 1), porque cremos antes naquele que criou e fundou esta Igreja. Trata-se de um fenômeno análogo ao da fé que temos na Sagrada Eucaristia: a única coisa que os nossos olhos de carne podem enxergar em uma hóstia consagrada são as aparências de pão; mas, confiantes na palavra daquele que disse: "Isto é o meu corpo", sabemos com os olhos do espírito que Nosso Senhor ali está presente real, verdadeira e substancialmente.

Do mesmo modo, sabemos que a Igreja é uma realidade divina, querida e fundada pelo Verbo humanado, ainda que os nossos olhos só vejam dentro dela pecadores — leigos e sacerdotes —, com suas fragilidades e misérias. Mas sabemos, porque Cristo não se engana nem engana a ninguém, que esta Igreja é um Corpo, e que este Corpo é, misticamente, o Corpo do Filho de Deus encarnado, que fez questão de identificar-se, em sua aparição a Saulo, com os fiéis que são perseguidos em seu nome (cf. At 9, 4).

Este Corpo, porém, não é uma realidade invisível, como pensam muitas seitas protestantes, senão que, à semelhança da Eucaristia, é um *senal visível e identificável*, uma *instituição e sociedade externa*, fundamentada na fé dos Apóstolos, chefiada por S. Pedro e seus sucessores (os Romanos Pontífices) e munida de suas leis, ritos e costumes. Este Corpo, que é a Igreja Católica, é *indestrutível e indefectível* em sua missão de custodiar a fé, conforme a promessa de Cristo a Simão Pedro: "Feliz és, Simão, filho de Jonas, porque não foi a carne nem o sangue que te revelou isto, mas meu Pai que está nos céus. E eu te declaro: tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja; as portas do inferno não prevalecerão contra ela" (Mt 16, 17-18).

Com efeito, nenhum poder, humano ou angélico, poderá nunca destruir a Igreja, ainda que, segundo a nossa estimativa, ela pareça às vezes reduzida a escombros, abandonada, moribunda, debilitada. O Espírito Santo, que desceu sobre os Apóstolos no dia de Pentecostes, a protege desde o início e garante, com sua divina virtude, que ela nunca desapareça, mesmo que tenha de se reduzir a uns poucos — a outros doze —, nem que lhe

faltem os socorros de que precisa para levar a salvação à humanidade, redimida pelo sangue de Cristo.

De todos os sinais que manifestam a credibilidade da Igreja (ou seja, que é razoável e conveniente, de acordo com as exigências da razão humana, crer nela) destaca-se a *exímia santidade*, vivida às vezes de forma oculta e simples, de muitos dos seus membros, homens e mulheres de todas as condições que, lutando dia a dia por ser fiéis aos ensinamentos de Jesus, são uma prova clara de que a graça pode vencer as barreiras da nossa miséria e elevar-nos, por misericórdia, à perfeição de um amor que só Deus é capaz de conferir a corações humanos.